

UMA REFLEXÃO SOBRE CIDADE E SUAS MARGENS – EXPERIÊNCIAS NO PASSO DOS NEGROS, PELOTAS (RS)

GUSTAVO FIORINI MARQUES¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – gustavo.fiorini@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – louise_alfonso@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A Antropologia é uma ciência que vem, desde seus primórdios, buscando compreender as formas e práticas humanas através da observação e de uma profunda imersão para que se possa descrever, das mais variadas formas, seja em texto, vídeo, som, imagem, processos e fatos culturais. Os conceitos de “margem”, “centro” e “fronteiras” são importantes para a disciplina, se diferenciam em suas várias formulações, porém são sempre evidentes nas observações etnográficas. Nesse trabalho, pretende-se fazer uma reflexão sobre esses conceitos e como eles se entrelaçam com minhas pesquisas a respeito da cidade, em específico o Passo dos Negros, em Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul.

A experiência no Passo dos Negros nos propõe a pensar duas coisas muito evidentes nesse lugar: ao mesmo tempo que de um lado há uma densidade maior da estrutura da cidade de Pelotas e do outro há o canal de São Gonçalo, esse lugar não se limita no território político, de alguma forma imposto, cercado, principalmente, por essas paisagens. Aliás, são as paisagens, a continuação daquele território, que por meio da experiência, pode-se entender outros limites que constam naquele espaço, mas que não são apreendidos da mesma forma por diferentes estruturas da sociedade ou pelos grupos que ali habitam, condicionando distintos olhares para esse lugar.

Justamente por essas relações, nos explica Michel Agier, que habitar, “ao suspender qualquer julgamento cultural, estético ou social, todas estas formas devem ser consideradas como partes do processo da cidade em contextos de desigualdades” (AGIER, 2015). Esse termo “desigualdade”, ora, significa que nessa observação, em todas as possibilidades de olhar, sempre encontraremos um certo limite e é, justamente através da experiência, que esses diferentes limites são definidos. Esses limites, compreendidos e constantes cotidianamente, são formulados por caminhos diferentes para que se chegue em suas variações. Considerando uma ideia de experiência errática, ou seja, “um exercício de afastamento voluntário do lugar mais familiar e cotidiano, em busca de estranhamento, em busca de uma alteridade radical” (JACQUES, 2012), só se poderia compreender esses limites através dos caminhos que se faz, que se diferem muito quando se considera o olhar do Estado, o olhar daqueles habitantes, do pesquisador, do turista, enfim, os mais diferentes olhares.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho é o resultado final das discussões tramadas em sala de aula na disciplina optativa Seminário III (Cidades e Suas Margens - Trajetos, Percursos e Mapas), ministrada pela professora Louise Prado Alfonso. Durante as aulas, as/os estudantes escolheram temas para pesquisa, os quais deveríamos relacionar com os conceitos discutidos em sala – margem, centro, cidade e práticas urbanas. Nesse sentido, esse trabalho considerou e localizou a discussão no Passo dos Negros afim de aplicar os conceitos e perceber de que modo a discussão a respeito da cidade se debruça no que é definido como margem e o que é definido como centro, sob várias perspectivas possíveis. Cabe ressaltar que o Passo dos Negros vem sendo local de ações constantes do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) no âmbito do projeto de extensão *Narrativas do Passo dos Negros: um exercício de etnografia coletiva para antropólogas/os em formação*, vinculado ao projeto de pesquisa *Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas*.

Propõe-se aqui observar que as dinâmicas dos objetos, das redes sociais, a relação com a natureza ou apropriação dela, enfim, a composição de uma cultura se diferencia dessa para aquela através dos olhares e das percepções de como essas coisas socialmente vão sendo elaboradas e transformadas. Nesse estudo, desde meados de 2016, o trabalho de campo e a escrita etnográfica coletiva permitiram visualizar essas dinâmicas através do uso de imagens, conversas e documentos do banco de dados do GEEUR/UFPEL.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A paisagem urbana, tal como ela vai sendo construída, sempre deixa rastros e memórias de outros tempos, os quais não podem ser considerados como efêmeros, como um simples passado, pois, é justamente na lógica de construção e desconstrução da cidade que se estabelece novas ordens e práticas urbanas próprias de cada espaço, as quais estão sempre imbricadas nas narrativas locais. No Passo dos Negros, o domingo é um dia de cuidado com o lugar e de mudança dos fazeres, é quando a casa e o espaço comum passam a ser palco de uma outra lógica, ou seja, de entretenimento, trocas afetivas, momento de tomar chimarrão, participar das atividades no Osório Futebol Clube, localizado, mais ou menos, no meio do Passo dos Negros. Todas essas práticas sugerem caminhos, os quais para o Estado sequer existem porque o visualiza através de uma lógica excludente, mas para aqueles habitantes e para “os de fora”, o Passo dos Negros é, para além de um lugar de moradia, um lugar de encontro, de lazer e aperfeiçoamento dos laços íntimos.

Podemos, então, pensar o Osório, por exemplo, dentro da categoria pedaço, descrita por José Guilherme Cantor Magnani, que se refere a um lugar onde as pessoas as quais presenciam e o experimentam reconhecem aquele território como prática de lazer e de encontro:

Para uma população sujeita às oscilações do mercado de trabalho, à precariedade dos equipamentos urbanos e a um cotidiano que não se caracteriza, precisamente, pela vigência dos direitos de cidadania, pertencer a um pedaço significa dispor de uma referência concreta, visível e estável - daí a importância do caráter territorial na definição da categoria (MAGNANI, 1993).

Se pensarmos em um rio, de um lado há algum momento em que ele acaba, bem como no outro lado do rio – o que se chama “margem do rio”. Esse “acabar” não é limitado ao que se vê, mas a um movimento de transformação, de se tornar outra coisa através de uma compreensão que a princípio é imprevisível. O mesmo pensamento se volta para a rua, de um lado há elementos que do outro não estão organizados da mesma maneira, ou seja, se diferem tanto pelo olhar, como pela organização desses elementos, ou seja, ambos os lados, contrapostos, não são a mesma coisa para todos, mas justamente uma distinção. Se trata, portanto, de considerar o conceito de “liminaridade” para refletir as lógicas do espaço e suas relações de dupla mão com o meio social. Esse conceito é inicialmente apresentado por Van Gennep e retomado por João de Pina Cabral, o qual diz:

O facto de esta lógica se aplicar tanto aos fenómenos de transição espacial e morfológica como ao estatuto sócio-político veio a revelar-se da maior importância para a evolução futura da teoria antropológica, pois demonstrava, para além de qualquer dúvida, que os rituais analisados são fenómenos comunicacionais através dos quais são transmitidos princípios de classificação, mesmo quando estes não são verbalmente explicitados pelas culturas em causa (CABRAL, 2000).

Essas referências, próprias de um território e distintas entre si se alteram na velocidade com a qual a cidade vai sendo feita e desfeita. O território pertence às pessoas tal qual as pessoas pertencem àquele território. Então, o uso que se faz dos equipamentos e do ambiente, como descreve Magnani, é o exercício de mostrar a autoridade dessas pessoas sobre aquele lugar. Ao contrário, o Estado considera que as práticas das pessoas possam ser remanejadas, o que, em seguida, transformará as margens que se compreendia daquele lugar em um processo excludente do que é característico no movimento daquela parte da cidade, entrelaçada pelas outras práticas urbanas dos outros habitantes.

Nessa lógica, o urbanismo global não transfere pessoas de um lugar para o outro somente por necessidade, mas através da extrapolação do território, é quando o Estado legitima que o pedaço seja desfeito, pois a mudança da cidade, enquanto processo imposto, altera a paisagem e a composição urbana. Logo no Canal de São Gonçalo, os vários pescadores que ali vivem, estão passando por processos de remoção e sendo obrigados a habitarem o Bairro Getúlio Vargas, lugar completamente diferente em estrutura e ainda mais longe do centro da

cidade, ou a deixarem todas os seus aprendizados e conceitos construídos coletivamente em detrimento de um plano urbanístico segregacionista

4. CONCLUSÕES

De volta ao exemplo do rio, do início desta reflexão, podemos fazer uma analogia em relação à margem do Passo dos Negros. De um lado há o Canal de São Gonçalo e do outro o restante da cidade, em que o horizonte não finaliza o território, ele perpassa todos os limites territoriais e passa a fazer parte dele mesmo. A margem oscila através da experiência, introduz e restaura outras concepções, o que então não faz dela uma “unidade”, mas faz ela uso do centro, para o centro, para fora do centro – a margem é exaustivamente deslocada através da experiência urbana.

Por fim, destaca-se a importância da aproximação entre ensino pesquisa e extensão na Universidade. Estas reflexões se iniciam dentro de ações de um projeto de extensão, foram levadas para a sala de aula e se aprofundam agora em uma pesquisa. Que este exemplo sirva de incentivo para transformações nos processos ensino-aprendizagem e fortalecimento desta tríade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer cidade. O antropólogo a margem e o centro. **Mana**, Rio de Janeiro, v.21, n. 3, 2015.

CABRAL, João de Pina. "A difusão do limiar: margens, hegemonias e contradições". **Análise Social**, nº 153: 865-892. 2000.

JACQUES, Paola Berenstein. A experiência errática da cidade. **Leituras da cidade**, v. 3, p. 48, 2012.

MAGNANI, J. G. C. - Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. In: **Revista de Antropologia**, FFLCH/USP, São Paulo, vol. 35, 1993.